

REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA EM ACERVOS DE VESTUÁRIO: A COLEÇÃO ZUZU ANGEL

Elisabete Gonçalves de Souza

Doutora em História e Filosofia da Educação Brasileira
Universidade Federal Fluminense,
Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.
elisabetegs@id.uff.br
<https://orcid.org/0000-0001-9707-6017>

Dandara Senna

Graduada em Biblioteconomia e Documentação.
Universidade Federal Fluminense,
Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.
dandarasilvasenna24@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5050-2680>

RESUMO

Os acervos de moda reúnem vestimentas e outros objetos caracterizando-se como coleções especiais que necessitam de tratamento descritivo específico. O objetivo é conhecer e avaliar as formas de representação e descrição de um acervo de vestuário a fim de auxiliar os profissionais na sua organização. Quanto à metodologia, trata-se de pesquisa de cunho bibliográfico e exploratório que teve como campo empírico o acervo do Instituto Zuzu Angel. Traz exemplos de descrição usando os padrões MARC e AACR2r para a catalogação de uma peça do acervo – o Vestido de Protesto Político, usado pela estilista em desfile realizado em 1971 em Nova York. Conclui que as vestimentas acompanham a evolução da humanidade; são registros que expressam valores sociais, culturais, políticos e econômicos, formas de poder e de distinção social, mas também de informação, resistência e denúncia.

Palavras-chave: Catalogação Descritiva. Acervo de vestuário. Angel, Zuzu, 1921-1976.

DESCRIPTIVE REPRESENTATION IN CLOTHING COLLECTIONS: THE ZUZU ANGEL COLLECTION

ABSTRACT

The fashion collections bring together clothing and other objects being characterized as special collections that need of specific descriptive treatment. The objective is to know and to evaluate the representation and description forms of a collection of clothing, in order to assist professionals in their organization. About the methodology, it is a bibliographic and exploratory research, which had as its empirical field the collection of the Zuzu Angel Institute. It performs simulation of description using the MARC and AACR2r standards for the cataloging of a piece from the collection – the Political Protest Dress, used by the stylist in a fashion show held in 1971 in New York. It concludes that clothing accompanying the evolution of humanity; are records that express social, cultural, political and economic values, forms of power and social distinction, but also of information, resistance and denunciation.

Keywords: Descriptive cataloging. Clothing collection. Angel, Zuzu, 1921-1976

Recebido em: 19/02/2021

Aceito em: 15/12/2021

Publicado em: 11/04/2022

1 INTRODUÇÃO

Os acervos de vestuário caracterizam-se como coleções especiais não necessariamente pela raridade das peças, mas pelo que indicam sobre seus produtores e/ou colecionadores; pelo que refletem do pensamento daqueles que as criaram como daqueles que as usaram e/ou colecionaram. Arrolam obras que, por alguma razão – valor histórico, acadêmico científico, estético, entre outros – foram consideradas como representantes de dado momento para uma pessoa ou grupos dentro da sociedade. Elas, então, se tornam parte da identidade

desta pessoa ou grupo passando a ter “valor diferenciado em relação às demais obras do acervo” (ARAÚJO, 2020, p. 90).

Encontramos essa situação quando analisamos a coleção da estilista Zuzu Angel, especialmente as roupas criadas após o desaparecimento e morte de seu filho, Stuart Edgart Angel, em 1971, nos chamados “anos de chumbo” do regime militar brasileiro. Essa tragédia impactou nas criações de Zuzu, suas roupas coloridas, cheias de flores e borboletas, deram lugar aos contornos da repressão política. As estampas florais renderam-se aos canhões, sol atrás de grades, crucifixos, representando o medo e a morte.

O presente artigo é uma análise do trabalho de catalogação feito pelo Instituto Zuzu Angel (IZA) para preservar as coleções da estilista, assim como deixar registrado como “suas roupas colocaram em pauta as relações entre moda e resistência mostrando uma moda capaz de atuar como veículo político e como meio de transformação social”. (ANDREA, 2015, não paginado).

O trabalho de catalogação ou representação descritiva arrola documentos desenvolvidos em diferentes suportes. Nesse contexto, a vestimenta pode ser vista como um desses documentos. Otlet, em seu Tratado de Documentação, chamava-nos a atenção que a concepção de documento não deveria estar restrita ao suporte ou formato, abarcando todas as formas de registro do conhecimento. Tal ideia, mais tarde, foi desenvolvida por sua discípula, Suzanne Briet, ao destacar ser o documento evidência de um fato social, de um fenômeno, de um evento, de modo que “[...] qualquer objeto poderia ser um documento desde que fosse tratado como tal, considerando para isso critérios como: materialidade, intencionalidade e organização em um sistema” (BRIET, 1951 *apud* SIQUEIRA, 2010, p 59).

Ferreira (2015) ao falar sobre as vestimentas como documento, ressalta que a roupa quando se torna um objeto de valor histórico, necessita de um cuidado especial. Para tanto, museus, centros de informação e instituições que possuem acervos de roupas, como as modatecas, precisam ter políticas para preservar/conservar as peças e documentá-las. Para que isso ocorra, é fundamental obter informações sobre cada peça, incluindo dados que possam contextualizá-la, permitindo assim uma descrição que revele não só os dados físicos sobre esta espécie documental, mas também sobre seu contexto de produção e uso.

Em pesquisa realizada na BRAPCI¹ (1972-2020) como os termos Descrição de vestimenta; Catalogação de vestimenta; Descrição de roupa; Catalogação de indumentária, tanto no singular como no plural, identificou-se apenas um artigo que discutia mediação da informação em acervos de moda, mas não havia relação com o processo de descrição.

¹ Base de Dados de Periódicos em Ciência da Informação.

A carência de estudos sobre o tema nos levou a ir a campo para verificar como essa atividade vinha sendo realizada em entidades que preservam estas coleções.

O objetivo do estudo é mostrar como o uso de normas e padrões para o tratamento da informação, como o Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2r) e o formato MARC 21², podem ajudar o IZA a rever a estrutura de metadados e a forma de entrada dos conteúdos em sua base de dados, tornando seus registros documentários alinhados com os padrões internacionais de descrição, o que permitirá maior visibilidade às suas coleções, acesso e uso dos documentos sob sua custódia.

Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa do tipo exploratória pautada em revisão de literatura sobre a temática da catalogação em acervos de moda, seguida de estudo de caso, atendo-se em analisar uma peça do acervo de vestuário da coleção Zuzu Angel – o Vestido de Protesto Político, criado pela estilista com a intenção de denunciar as arbitrariedades que ocorriam no Brasil e que levaram seu filho à morte

2 VESTUÁRIO COMO DOCUMENTO

Desde que Paul Otlet ampliou o conceito de documento este foi, ao longo do tempo, passando por questionamentos. Afinal, o que é documento? Suzane Briet explica que nem tudo é documento e para que se torne um é necessário que ao objeto seja atribuído significado. Briet em seus estudos sobre a Documentação define documento como “[...] todo signo índicial (ou índice) concreto ou simbólico, preservado ou registrado para fins de representação, de reconstituição ou de prova de um fenômeno físico ou intelectual” (BRIET, 1951 *apud* ORTEGA; LARA, 2008, p. 3).

Meyriat (1981) retomou a discussão dizendo que todo objeto pode tornar-se documento. No entanto, Meyriat (1981 *apud* ORTEGA, 2016, p. 46) distingue os documentos entre objetos que são projetados desde a origem para fornecer informação, como os cartazes, os jornais, etc., e aqueles que são encarregados de desempenhar este papel depois ou subsidiariamente, como é o caso da maioria das vestimentas. Dissemos a maioria porque, como veremos, a roupa pode ser criada com a intencionalidade de ser uma plataforma discursiva, um meio de informação, de denúncia e resistência, tal como fez Zuzu Angel.

² MARC (*Machine Readable Cataloging*). O formato foi desenvolvido na década de 1960 pela *Library of Congress* com o propósito de: padronizar a representação descritiva automatizada e permitir o intercâmbio de informações entre as instituições que adotam o padrão. O formato se universalizou e vem se desenvolvendo. Sua versão – MARC 21 – incorporou as vantagens oferecidas pela linguagem XML para a codificação dos registros.

Nas três situações, distinguir a função atribuída ao objeto se faz necessário, pois a vontade de obter uma informação é o elemento necessário para que um objeto seja considerado documento, mesmo que a vontade de seu criador tenha sido outra (MEYRIAT, 1981 *apud* ORTEGA, 2016). Ou seja: “[...] o documento não é um dado, mas o produto de uma vontade, aquela de informar ou se informar – a segunda ao menos sendo sempre necessária” (MEYRIAT, 1981 *apud* ORTEGA, 2016. p. 47). Nessa direção, pode-se dizer que é o usuário que vê o potencial informacional de um objeto tornando-o um documento e este só existe enquanto é utilizado como tal, ou seja, é o uso que decide sobre seu caráter documental.

[...] Dessa forma, os documentos abrem caminho para a formação da memória da humanidade, independente dos formatos e suportes em que são registrados pelo homem. Esse entendimento aponta para a multiplicidade de suportes e cria os contornos de totalidade e universalidade propostos por Otília. É por conta também desse novo olhar para o registro humano, que se pode caminhar ao lado do conceito de documento em diferentes áreas como Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia (TANUS; RENAU; ARAÚJO, 2012, p.160).

Em museus, a grande maioria dos documentos está em suportes tridimensionais. As informações sobre eles não são facilmente observadas exigindo do catalogador um estudo sobre o objeto. São feitas pesquisas para identificar as características do objeto, técnica usada pelo autor, etc. visando descrevê-lo e indexá-lo em sua totalidade, identificando dados intrínsecos e extrínsecos referentes à sua criação, realização e produção.

[...] o processo de musealização é por excelência uma reflexão sobre o documento por atribuição, ao enfatizar que a função original não é em si o que está em questão, mas sim a sua representação em outro contexto [...] a musealização é processo científico que compreende o conjunto das atividades de seleção, conservação, catalogação, exposição, publicações etc. (ORTEGA, 2016, p.19).

Independente de sua natureza – ser um documento nato ou ser um documento por atribuição de sentido – cabe aos profissionais da informação descrevê-lo, representar sua materialidade e conteúdo. Nessa direção, os documentos – incluídos na categoria indumentária, como aqueles que povoam os acervos de vestimentas, também são passíveis de catalogação, fazendo com que suas mensagens circulem.

Para descrevê-los em sua totalidade temos que lançar mão das normas de representação descritiva das ciências documentárias, mais especificamente da Biblioteconomia e da Museologia. De acordo com Peter Van Mesch (1987 *apud* FERREZ, 1991), três são os aspectos principais que podem ser identificados durante o processo de descrição de um objeto: as propriedades físicas; a função e significado ou interpretação e a história. A partir

desses aspectos, a roupa deixa de ser um artefato e torna-se um documento revelando-se como testemunha da cultura de uma sociedade ou como evidência de um fato.

Um exemplo de peça de vestuário como documento/evidência é o *tailleur* rosa com modelagens Chanel, usado por Jacqueline Kennedy no dia 22 de novembro de 1963 em Dallas, data em que seu marido, o presidente dos Estados Unidos, John F. Kennedy, foi assassinado em frente às câmeras e diante de uma multidão. O *tailleur* da ex-primeira-dama dos EUA está guardado no Arquivo Nacional norte-americano como prova forense nas investigações policiais sobre o caso.

Para além da questão do documento como evidência (prova), as vestimentas foram criadas ao longo da história com a função de vestir, e por eventos adversos (sociais, políticos, culturais, etc.) lhes foi atribuída a função de documento, marca ou registro de uma época, símbolo de uma cultura, expressando valores materiais e simbólicos, como a distinção social.

Crane (2006) e Manso (2010) complementam essa discussão ao ressaltarem que nas sociedades pré-industriais o vestuário indicava não só a classe social do indivíduo, como também gênero, religião e ocupação profissional. Dentro de um local de trabalho indicava a hierarquia, o que o indivíduo fazia e posição que ocupava. Para os autores, na medida em que as sociedades ocidentais foram se industrializando a representação de classe e gênero passou a ter prioridade, sendo compreendida como um controle de poder, atrelando o vestuário a certos significados socialmente construídos.

A característica de cobrir o corpo sempre foi uma necessidade, porém, sob o ponto de vista do adorno, foi uma maneira que o ser humano encontrou de se impor aos demais, podendo-se, a partir daí, distinguir uma pessoa de maior poder aquisitivo [...] apenas pelas suas vestes. Com isso, podemos afirmar que, independente de qualquer época ou lugar, a roupa sempre foi um diferenciador social, uma espécie de retrato de uma comunidade ou classe (MANSO, 2010, p.5).

A partir desses autores, percebe-se que o vestuário se moldou a história humana, e atualmente é visto como um objeto de consumo, mas também como arte e fonte de pesquisas. Nessa perspectiva podemos entender o vestuário como um documento.

3 REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA DE VESTUÁRIOS

O processo de representação descritiva envolve, conforme Mey (1995), as seguintes etapas: a leitura técnica: análise do objeto a ser catalogado para fazer o levantamento das informações necessárias para sua representação; a descrição: caracterização do material

em tratamento, extraindo do próprio item os dados pertinentes para individualizá-lo; os pontos de acesso: informações referentes ao título, aos assuntos e à responsabilidade intelectual. Esses pontos são determinados e escolhidos pelo catalogador de acordo com as normas e regras e instrumentos auxiliares, permitindo ao usuário o acesso à representação do item e aos dados de localização: informações que permitem localizar o item no acervo.

Kauling (2008) nos dá como exemplo a catalogação realizada em uma teciteca: o autor é representado pelo fornecedor do tecido; o título principal é retirado da classificação, sendo elas, tecido plano, tecido de malha, tecido de laçada, tecido não tecido e tecido de criação; outros títulos, equivalentes ou alternativos, são representados pelo nome comercial; a área de publicação arrola dados sobre o local, nome do fornecedor e ano; a de descrição física informações sobre cor, composição, largura e quantidade de bandeiras.

Em uma modateca³ o autor é representado pelo criador da obra (estilista/ costureiro); o título principal é o título atribuído pelo autor à obra; dados da publicação são o local, produtor/confecção e ano; a descrição física diz respeito ao tamanho (largura e comprimento) da vestimenta, tecido, cor, etc.; os assuntos são palavras relevantes que expressam o tipo de vestimenta, seu contexto de criação, produção e uso. Nos artigos levantados não encontramos nenhum tesouro voltado para o controle de terminologia dos acervos de moda, apenas vocabulários controlados criados pelos catalogadores. No Brasil, os museus são as instituições que têm mais produções sobre o tratamento técnico de indumentárias, suas diretrizes auxiliam outras instituições na elaboração da representação descritiva desses documentos.

3.1 A coleção Zuzu Angel

Zuleika Angel Jones, conhecida como Zuzu Angel, nasceu na cidade de Curvelo (MG) em 5 de junho de 1921, ficou conhecida na memória da moda brasileira, por ser a primeira designer a ocupar um espaço no cenário nacional nos anos de 1960, momento em que as principais referências da alta costura eram os homens. Nas palavras de Lucia Andrea (2015), ela usou e abusou das referências brasileiras, das cores e do tropicalismo. Dentre as inovações introduzidas por Zuzu estão o aproveitamento de materiais têxteis e a valorização dos bordados.

³ Uma modateca é formada por tecidos, aviamentos, roupas, acessórios e outros itens ligados ao vestuário. Reúne fontes de pesquisas que são referências técnicas, históricas e culturais para a área de moda. No Brasil, a pioneira é a Modateca do Senac São Paulo. Aberta em 1993 como teciteca, cinco anos depois, passou a reunir a memória de roupas e objetos de moda, sendo rebatizada de modateca.

Estes são alguns dos aspectos que a projetaram no mercado nacional e internacional tornando a moda brasileira conhecida e reconhecida internacionalmente. Mas a morte de seu filho, capturado e morto pelo regime militar em 1971, modificou a relação de Zuzu com a história política brasileira inserindo-a na luta contra o regime, usando suas roupas como instrumento para denunciar e protestar. Sua militância fez com que, cinco anos após a morte do filho, conforme apurado pela Comissão Nacional da Verdade, ela também se tornasse vítima do regime que combateu, morrendo em um suposto acidente de carro em 1976. (SIMILI, MORGADO, 2015).

Para preservar a memória da estilista e suas obras, em outubro de 1993 foi fundado, pela jornalista Hildegard Angel, filha de Zuzu, o Instituto Zuzu Angel (IZA), localizado na Rua Rocha Miranda, 53 – Usina, Rio de Janeiro.

O acervo histórico reunindo as criações da estilista vem recebendo tratamento e está incorporado à base de dados do IZA. Nele constam vestimentas, documentos iconográficos e toda a documentação que envolve sua obra e sua luta de mãe obstinada na busca do filho. Pesquisa realizada na base IZA com o termo “Protesto” recuperaram 64 itens entre impressos, desenhos e bordados e 3 vestidos; com o termo “Stuart” 132 itens, entre impressos, fotografias, cartas, anúncios de desaparecimento, bilhetes, desenhos, bordados e 2 vestidos, um de protesto e outro de luto. Por fim, com o termo Zuzu Angel foram recuperados 30 itens de vestuário e 296 documentos, arrolando as mesmas espécies e tipos documentais.

Conforme Eco (1989, p. 40) a linguagem do vestuário, como a linguagem verbal, ajuda-nos “[...] a identificar posições ideológicas, segundo significados transmitidos e as formas significativas que foram escolhidas para o transmitir”. Nessa direção, podemos entender a produção estética-visual da estilista pós 1971 como “[...] texto-denúncia e testemunho histórico do que foi feito com a juventude brasileira pela repressão militar” (SIMILI; MORGADO, 2015, p. 182).

O IZA também tem sob sua custódia acervos de outras personalidades da moda, como a Coleção Carmen Therezinha Solbiati Mayrink Veiga, de alta costura; a Coleção Casa Canadá, de Mena Fiala; a Coleção Isabela Capeto; a Coleção Perla Mattison; a Coleção Glorinha Paranaguá e a Coleção Bonita, com protótipos de moda infantil (INSTITUTO ZUZU ANGEL, 2018).

O catálogo geral está disponível no site do IZA (<http://www.zuzuangel.com.br/>) e traz a descrição das peças, porém a recuperação não é muito bem sucedida, pois é feita por meio de Tags e nem todas expressam os conteúdos dos campos. Daí a necessidade de rever a forma

como as peças estão sendo descritas e representadas, os dados de conteúdo e aqueles ligados à produção intelectual e técnica da obra (formas de realização e confecção), de modo a permitir aos usuários conhecer as peças de forma integral, incluindo sua história e os relacionamentos com outros itens do acervo, assim como entender o sentido dos documentos que cercam as coleções, a maioria deles vinculados à Coleção Zuzu Angel, e reúnem informações imprescindíveis para entendermos todo o contexto de produção do acervo da estilista.

3.2 Representação descritiva: o acervo do IZA

O sistema e a estrutura da base IZA foram desenvolvidos pelo próprio Instituto, sendo oferecidas ao usuário dois tipos de busca: Vestuário/têxtil e Documento. Os campos para a representação das peças são: tipo de acervo; número de registro; classe; denominação; título; autoria; data de produção; local de produção; história da peça; dimensões; técnica; material; descrição da peça; eventos associados à peça; peças complementares; descrição das peças complementares; tags ou palavras chaves. (INSTITUTO ZUZU ANGEL, 2018).

Como exemplo, analisou-se a descrição do Vestido de Protesto Político (Figura 1), uma das peças apresentadas na *International Dateline Collection III*, desfile realizado em Nova York em 1971. A coleção foi dividida em três temas, o primeiro Holiday, o segundo Resort e o terceiro “roupas de protesto”.

Figura 1 – Vestido de Protesto Político (1971)



Fonte: INSTITUTO ZUZU ANGEL (2018).

Ao fazermos a leitura da peça, observamos um vestido branco de modelagem ampla e cheia de desenhos que parecem ter saído do universo de um menino. Esse vestido foi um dos recursos usados por Zuzu Angel para denunciar os desmandos da ditadura militar brasileira (1964-1985) e chamar a atenção do mundo para o desaparecimento de seu filho. Trata-se de uma peça singela feita em algodão, com desenhos de tanques de guerra, soldados, canhões e quepes militares, que se misturavam a árvores, flores, casinha com chaminé, tambores e passarinhos. Anjos tristes, pombas negras e o sol completaram os detalhes dessa vestimenta (COSTA, 2014). No acervo do IZA este documento foi representado (Figura 2) da seguinte forma.

Figura 2: Descrição do Vestido de Protesto Político – Base IZA

Tipo de acervo	Vestuário/Têxtil
Número de registro	84 IND
Classe	Roupa Social
Denominação	Roupa
Título	Vestido de protesto político [manga longa]
Autoria	Angel, Zuzu
Coleção	Zuzu Angel
Data de produção	13/09/1971
Local de produção	Rio de Janeiro, Brasil
História da peça	Vestido de noiva do desfile protesto político. Faz parte da coleção International Dateline Collection III, dividida em três temas, sendo o último deles roupas de protesto. O desfile foi no dia 13 de setembro de 1971, ano da morte de seu filho, na residência do cônsul do Brasil em Nova York, Lauro Soutello Alves, e ao longo da semana, a coleção ficou exposta no Gotham Hotel. Esse desfile é considerado um marco na trajetória profissional de Zuzu Angel, pois foi quando ela lançou sua moda de protesto. Segundo Hildegard Angel, (depoimento em 20/01/2017) “[...] o vestido é todo bordado com referências à ditadura militar: há aviões dos quais eram jogados os presos políticos, passarinhos enjaulados que seriam os jovens, tudo visto através das grades. Enfim, uma maneira singela, com traços infantis, mas tudo isso mostrava aquele momento de tristeza que vivia o País. Tudo tinha que ser dito de uma maneira muito sutil, muito subliminar, e naquele momento o significado era extraordinário. A moda tem uma força revolucionária que nunca se apaga”.
Dimensões	Largura: 0,81; Altura: 1,35
Técnica	Bordado à mão, costura à mão, costura à máquina
Material	Linho, zíper, colchete
Descrição da peça	Vestido longo de linho branco, com mangas compridas e franzidas no punho com elástico e forro do mesmo tecido. Há diversos bordados coloridos, relacionados, com a ditadura no País. São distribuídos na frente, nas costas e nas mangas, com motivos de canhão, sol, grades, anjos, flores e quepes militares. Possui fechamento nas costas com zíper de 0,55 cm.

Eventos associados	Exposição Ocupação Zuzu. Instituto Itaú Cultural. São Paulo, 2014.
Peças complementares	Não se aplica.
Tags	Alves, Lauro Soutello Angel Jones Angel, Stuart Edgart Angel, Zuzu. Anjo Boné Bordado Desfile de moda na Ditadura Militar III International Dateline Collection III Nova York City, New York, Angel, Zuzu. Pássaro Protesto Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil Sol Soldado vestido Vestido longo

Fonte: Instituto Zuzu Angel (2018)

3.3 Análises e resultados

O vestido foi catalogado de forma bem detalhada. A descrição inclui número de registro, título, contextualização histórica da obra/roupa, etc. Percebe-se que os metadados envolvem elementos descritivos retirados de normas bibliográficas (cabeçalho – forma normalizada do nome do autor, título da obra, tipo de acervo, data), além de metadados mais próximos das normas arquivísticas (nome da coleção, contexto de produção) e museológicas (tipo de material, técnica, descrição da peça, etc.). O campo Tag expressa diferentes elementos descritivos. Ele arrola pessoas que têm relação com a obra (inspiraram a criação) e eventos associados à obra. No entanto, não conseguimos identificar todos os tipos de relações. O ideal seria que o campo Tag fosse reestruturado, pois há uma variedade de dados como as entradas secundárias nome-título, exemplos: Angel, Zuzu-Anjo-Boné Bordado; Angel, Zuzu-Pássaro Protesto Rio de Janeiro. De acordo com AACR2r esse tipo de entrada diz respeito a outras produções e, no caso em estudo, tratam-se de desenhos e bordados criados pela estilista e que estão relacionadas com a obra, mas não tipificam assunto, por isso deveriam ser tratados em campos separados.

De acordo com o capítulo 10 do AACR2r (2004), artefatos tridimensionais e realia, devem ser descritos levando em consideração o próprio objeto como fonte principal de informação. Conteúdos de áreas como título, edição, publicação e série, são preenchidos a partir de dados encontrados no item. Já áreas como descrição física e notas, podem ser preenchidas com informações retiradas do item ou de qualquer outra fonte relacionada à obra.

Reestruturando a descrição da peça, tomando como base a estrutura de metadados do MARC 21 e as diretrizes do AACR2r, segue abaixo (Figura 3) uma possível catalogação

para esse tipo de documento: o Vestido de Protesto Político (Figura 1). No exemplo que segue, idealizamos a estrutura do registro, seus campos de dados variáveis, e a forma de registro dos conteúdos em cada um dos campos e subcampos.

Figura 3 – Descrição do Vestido de Protesto Político – MARC 21/AACR2r

PARÁGRAFOS		IND.		DESCRIÇÃO
Descrição	Código	1	2	Conteúdo
Localização	090	#	#	\$a IND 84 \$b Coleção Zuzu Angel
Autoria	100	1	0	\$a Angel, Zuzu, \$d 1921 – 1976
Título e responsabilidades	245	1	0	\$a Vestido de protesto político / \$b Zuzu Angel
Produção/Criação	260	0	4	\$a Rio de Janeiro, \$c 13/11/1971
Descrição física	300	#	#	\$a 1 vestido (longo) : \$b branco ; \$c 0,81 x1,35m, \$d linho, \$e canhão, sol, grades, anjos, flores e quepes militares, \$f Bordado à mão, costura à mão, costura à máquina
Outras características da obra ou da expressão	381	#	#	\$a Vestido de noiva com mangas compridas e franzidas no punho com elástico e forro do mesmo tecido. Há diversos bordados coloridos, desenhos de canhão, sol quadrado, grades, anjos, flores e quepes militares, distribuídos na frente, nas costas e nas mangas. Possui fechamento nas costas com zíper de 0,55 cm
Série	490	#	0	\$a International Dateline Collection III. \$b Protesto.
Notas	500	#	#	\$a Vestido da coleção International Dateline Collection III, dividida em três temas, sendo o último deles roupas de protesto. O desfile foi realizado no dia 13 de setembro de 1971, ano da morte de seu filho, na residência do cônsul do Brasil em Nova York, Lauro Soutello Alves. Ao longo da semana a coleção ficou exposta no Gotham Hotel. Esse desfile é considerado um marco na trajetória profissional de Zuzu Angel, pois foi quando ela lançou sua moda de protesto. Segundo Hildegard Angel, (depoimento em 20/01/2017) “[...] o vestido é todo bordado com referências a ditadura militar, aviões dos quais eram jogados os presos políticos, passarinhos enjaulados que seriam os jovens, tudo visto através das grades. Enfim, uma maneira singela, com traços infantis, que mostrava aquele momento de tristeza que vivia o país. Tudo tinha que ser dito de uma maneira muito sutil, muito subliminar e naquele momento o significado era extraordinário. A moda tem uma força revolucionária que nunca se apaga”.
Relação entre obras	590	#	#	\$a Vestido e protesto [manga curta] \$b 79IND \$u http://acervo.zuzuangel.com.br/vestuario/vestido-de-protesto-politico-manga-curta
Assunto pessoa	600	1	4	\$a Angel, Stuart Edgart \$d 1946-1971 \$t Vestido de Protesto Político.

PARÁGRAFOS	Código	IND.		DESCRIÇÃO
		1	2	Conteúdo
Assunto entidade	610	0	4	\$a Instituto Zuzu Angel
Assunto evento	611	2	4	\$a Desfile Protesto \$d 1971 \$c Nova York
Assunto evento	611	2	4	\$a International Dateline Collection \$n 3 \$d 1971 \$c New York
Assunto tópico	650	0	4	\$a Indumentária brasileira
Assunto tópico	650	0	4	\$a Ditadura \$x Política \$z Brasil (1964-1985)
Secundária Nomes de pessoas associadas à obra	700	1	#	\$a Angel, Zuzu \$d 1921, 1976 \$t Pássaro Protesto \$a Angel, Zuzu \$d 1921, 1976 \$t Anjo Boné Bordado
Secundária Nomes de eventos associados à obra	711	2	4	\$a Exposição Ocupação Zuzu \$g Instituto Itaú Cultural. \$c São Paulo, \$d 2014.
Localização e acesso eletrônico	856	4	0	\$u https://www.zuzuangel.com.br/vestuario/vestido-de-protesto-politico-manga-longa

Fonte: Planilha MARC adaptada para pelas autoras.

Um registro MARC 21 é composto por três elementos: Líder (estrutura), Diretório (indicação do conteúdo) e Campos Variáveis identificado por códigos com etiquetas de 3 caracteres numéricos (090, 100, 245, etc.) que estão registrados na entrada do diretório. Os campos podem ser de tamanho fixo ou variável. Os campos de dados fixos não contêm posição para indicador nem código de subcampo, sendo definidos previamente de modo a fornecer informações sobre o processamento de cada registro⁴.

Os campos de dados variáveis são aqueles onde se encontram as informações de título, autor, editora, entre outras, referentes ao item catalogado. Estes campos variam de (01X) até (8XX) e podem ser repetitivos (R) ou não repetitivos (NR). Os campos de dados variáveis possuem duas posições para indicadores localizados no começo de cada campo e dois caracteres para código de subcampo (subdivisão do campo), que são identificados com a expressão \$a; \$b; \$c etc. (FURRIE, 2000; ALMEIDA, 2007).

No caso da transcrição da descrição do IZA para o formato MARC 21 (Figura 3) foram necessárias algumas mudanças no nome de alguns campos. Por exemplo, os campos de edição e publicação passaram a ser chamados de área de produção, que contêm os subcampos (\$a) Local, (\$b) desfile e data (\$c). Os campos de classificação e número de chamada foram dispensados optando-se pelo campo localização, sendo nele registrada a localização da indumentária no acervo (\$a IND 84).

⁴ Os dados fixos compreendem as 24 primeiras posições (00-23) de cada registro e nos fornecem informações sobre seu processamento. Por exemplo: campos 00-04 “tamanho lógico do registro”; campo 5 “Status do registro” (novo, acertar, excluir); campo 6 “tipo de registro” – impresso, iconográfico, artefato, etc. (ALMEIDA, 2007).

Como o vestido (Figura 1) tem outra modelagem com mangas curtas, foi criado o campo “Relação entre obras”, uma adequação do campo 590 (notas locais), contendo os seguintes subcampos (\$a) título da obra relacionada, (\$b) localização no acervo (\$u) endereço eletrônico do registro documentário.

Na área de descrição física, campo 300, a mudança ocorreu nos subcampos sendo: (\$a) quantidade e tipo de vestimenta, (\$b) cor (\$c) dimensão, (\$d) tecido, (\$e) estampas e desenhos, (\$f) técnica. Em outras características da obra ou da expressão foram descritos detalhes do vestido, dados que não tinham sido descritos no campo descrição física.

Na área de série, campo 490, registrou-se a informação de que o vestido faz parte da Coleção *Internacional Dateline Collection III*, subsérie Protesto. No preenchimento dos campos e subcampos especificados buscou-se aproximar a pontuação e a ordem dos elementos (metadados) das diretrizes do AACR2r (2004), destacando-se a área de notas, campo 500, como um importante elemento para tornar o registro mais completo, incluindo informações que contextualizam o documento.

O estudo mostrou-nos que os padrões, como o MARC 21 e o AACR2r, podem ser aplicados na descrição de qualquer tipo documental, como as vestimentas. Mas para isso deve-se conhecer o acervo, sua finalidade e o público que irá utilizá-lo. Por estarem pautados em normas internacionais, os padrões permitem realizarmos representações mais universais, que valorizem os elementos essenciais para a identificação e conhecimento de uma obra em sua totalidade, além de possibilitar o intercâmbio de dados entre as instituições.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As peças de vestuário são expressão da cultura e das relações sociais vividas pelo indivíduo ou por uma coletividade. Essas peças, quando incluídas em um acervo, devem ser contextualizadas e descritas para que as informações que reúnem possam ser recuperadas e estudadas por pesquisadores e leigos. A catalogação descritiva e temática faz parte desse processo, assim como, os cuidados na escolha das normas e padrões adequados. No caso da representação descritiva, aconselha-se o uso do formato MARC 21 e do Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2r), tendo em vista que a nova norma – a RDA⁵ ainda se encontra em fase de implantação no Brasil.

⁵ RDA – *Resource Description and Access*. Em português, Recursos: Descrição e Acesso. Norma de catalogação que veio substituir o Código de catalogação anglo-americano. Apesar de estar sendo aplicada, ainda encontra-se em fase de aperfeiçoamento. No Brasil apenas a PUC-RS vem realizando a aplicação da norma em seu catálogo.

O bibliotecário com os seus conhecimentos de representação descritiva, ao se deparar com o desafio de ter que organizar coleções de vestimentas, deve fazer analisar cada peça de modo a tirar o máximo de informação sobre os itens. Para descrevê-los deve-se adequar a estrutura de metadados MARC 21, às necessidades da instituição e às características do documento a ser catalogado. E com acervos especiais, como os de vestimentas, essa atividade exige pesquisa sobre o criador, sobre a obra e seu contexto de produção e uso.

Ao catalogar o Vestido de Protesto político, obra de Zuzu Angel, com o MARC 21 foi oportuno fazer algumas mudanças nos nomes dos campos para adequá-los às especificidades desse tipo documental, sendo fundamental o uso do AACR2r para o preenchimento padronizado do conteúdo dos campos. Para esse intento tomou-se como referência o capítulo 10 do referido Código.

Conclui-se que, na organização de acervos especiais de documentos-objeto, como as vestimentas, deve-se: observar os elementos intrínsecos e extrínsecos à obra; ter conhecimento das normas, códigos, tesouros, etc., sendo o domínio desses recursos fundamental para a produção de registros sem ambiguidades; representar todos os aspectos da obra, descrevendo-a de forma singular sem deixar de relacioná-la com os contextos histórico e sociocultural. No caso das roupas criadas por Zuzu Angel, as marcas de alegria ou de dor emolduram o registro documentário de sua coleção. Por meio de um elenco de metadados procurou-se registrar todas as informações pertinentes à obra – pessoas, eventos, assuntos, sua relação com outros itens do acervo, o contexto social e sua luta pessoal. A exploração do acervo foi um exercício metodológico que pode se estender a outras coleções, dentro e fora do IZA.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria do Socorro Gomes de. *Manual MARC 21: bibliográfico resumido*. Rio de Janeiro: [s.n.], 2007.

ANDREA, Lúcia. [*Zuzu Angel e a moda como protesto*]. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://audaces.com/zuzu-angel-e-a-moda-como-protesto/> Acesso em: 10 fev. 2021.

ARAUJO, Jullyana M. Guimarães. A coleção especial como patrimônio bibliográfico no Brasil: uma abordagem conceitual. *Memória e Informação*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 75-97 jul./dez. 2020.

CÓDIGO de catalogação anglo-americano. Tradução: Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições. 2. ed., rev. São Paulo: FEBAB, 2004.

COSTA Jacqueline. Trabalho de Zuzu Angel, a estilista do desfile-protesto, volta à cena nos 50 anos do golpe militar: mineira tentou chamar atenção para o desaparecimento do filho, o militante Stuart Angel. Rio de Janeiro, *O Globo*, 15 mar. 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/moda/trabalho-de-zuzu-angel-estilista-do-desfile-protesto-volta-cena-nos-50-anos-do-golpe-militar-16951260> Acesso 2 nov. 2020.

CRANE, Diana. *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo: SENAC, 2006.

ECO, Umberto, *O simbolismo das cores*, 2011. Disponível em: <http://pt.shvoong.com>. Acesso em: 20 out. 2020.

FERREIRA, Manon de Salles. *A roupa depois da cena*. São Paulo, 2015 Tese. (Doutorado em Teoria e Prática do Teatro) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

FERREZ, Helena Dodd. Documentação Museológica: teoria para uma boa prática *In: FÓRUM DE MUSEUS DO NORDESTE*, 4, Recife, 1991. *Anais [...]*. Recife: [s.n.], 1991.

FURRIE, Betty. *O MARC Bibliográfico: um guia introdutório*. Brasília: Thesaurus, 2000.

INSTITUTO ZUZU ANGEL. *Acervo digital*. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://www.zuzuangel.com.br/> Acesso em: 10 out. 2020.

KAULING, Graziela B. *A implantação da Teciteca do SENAI Rio do Sul*. Florianópolis: SENAI, 2008.

MANSO, Priscila Haluschko. *O vestuário através dos séculos e o início da moda*. São Paulo, 2010. (Trabalho de Conclusão de Curso) – Escola de Negócios da Moda, São Paulo, 2010.

MEY, Eliane. *Introdução à catalogação*. Brasília: Briquet de Lemos, 1995.

ORTEGA, Cristina. O conceito de documento em abordagem bibliográfica segundo as disciplinas constituintes do campo. *InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação*, Ribeirão Preto, SP, v. 7, n. esp, p. 41-64, 10 ago. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/118749> Acesso em: 21 nov. 2020.

ORTEGA, Cristina D.; LARA, Marilda L. G. Documento e informação, conceitos necessariamente relacionados no âmbito da ciência da informação. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 9, São Paulo, 2008. *Anais [...]*. São Paulo: ANCIB/USP, 2008. Disponível em: <http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/1019/Documento.pdf?sequence=1> Acesso em: 21 nov. 2020.

SIMILI, Ivana Guilherme; MORGADO, Débora Pinguello Tecidos, linhas e agulhas: uma narrativa para Zuzu Angel. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 7, n. 15, p. 177-201, maio/ago. 2015.

SIQUEIRA, Jessica Camara. Biblioteconomia, documentação e ciência da informação: história, sociedade, tecnologia e pós-modernidade. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 52-66, nov. 2010. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1124> Acesso em: 21 nov. 2020.

TANUS, Gabrielle Francinne de S.C; RENAULT, Leonardo Vasconcelos; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O conceito de documento na Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. *RBBB- Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 158-174, fev. 2013. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/220> Acesso em: 17 out. 2020.